

A LÓGICA DO "MAL MENOR": PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DA TORTURA

Silvana Martins Bayma

Professora e Coordenadora de Português da U.E. Humaitá II

*Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro.*

(...)

*cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo*

e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

*(Congresso internacional do medo,
Carlos Drummond de Andrade)*

Será legítimo o uso da tortura em tempos de terrorismo e violência exacerbada? O que é ética política numa "era de terror"? Sob a alegação de que episódios como o 11 de setembro impuseram uma nova lógica à reflexão acerca das ameaças que pairam sobre a humanidade, renomados políticos, jornalistas e intelectuais de diversos países têm retomado o debate sobre o emprego da tortura em nossas sociedades.

Alegando ser a tortura um "mal menor" se comparada aos males causados por um ataque terrorista, por exemplo, defendem abertamente seu emprego para evitar situações extremas de risco às democracias liberais. Nesse sentido, a tortura seria um procedimento utilitário ao contribuir de forma eficaz para a segurança do cidadão comum.

Uma ressemantização do termo, sob viés bem mais restrito, vem, inclusive, sendo proposta atualmente: apenas atos extremos que levem o ser humano à morte, à falha de algum órgão vital poderiam ser considerados tortura. Além disso, seus defensores propõem que, uma vez que a tortura efetivamente existe, se estabeleçam algumas regras para sua prática. Afinal, segundo alega, dentre outros, João Pereira Coutinho, articulista da Folha de São Paulo e introdutor do tema na mídia brasileira, grande diferença há entre a tortura "sádica ou lúdica" - ato bárbaro praticado por capricho - e a "preventiva" - baseada em técnicas coercivas.

Nesse sentido, o articulista se afina com o pensamento de Alan Dershowitz, renomado intelectual de Harvard, o qual propõe uma espécie de "licença para torturar": segundo o professor, quando necessária, a prática da tortura deve ser feita de forma aberta, com responsabilidade e, inclusive, aprovação do Presidente da nação ou da justiça.

Algumas perguntas que não querem calar:

Em que situações essas práticas devem ser empregadas?

O que diferencia sadismo ou barbárie de "ação preventiva"?

Quem decidirá quais vidas devem ser sacrificadas?

Qual o menor dos males?

E, finalmente, que sociedade é essa que vai construir seu bem-estar no mal-estar do outro?

É fato que, nas mais antigas sociedades, já se encontra esta primitiva dicotomia - a do Mesmo e do Outro: a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano; nenhuma coletividade se define, como Uma sem colocar a Outra diante de si. O problema é, já dizia Simone de Beauvoir, o sujeito se afirmar como essencial e fazer do outro o inessencial, sem descobrir a reciprocidade de suas relações. Toda sociedade produz, portanto, seus "estranhos", seus "outros" os quais, no mundo atual, podem ser imigrantes ilegais, funkeiros, favelados, presidiários, miseráveis, enfim...

A lógica do mal menor baseia-se, portanto, num antigo processo de desumanização da alteridade que, elevada à categoria de "estranho outro" "merece" sofrer até tortura: ações "preventivas" para que o "cidadão de bem" - este, sim, humano, essencial - seja preservado. Ou seja, tal doutrina seguindo uma lógica bastante conhecida nossa - pois é a mesma que engendrou a escravidão ou o holocausto -, cria sutis mecanismos de desqualificação de determinados grupos para justificar a barbárie. O que muitas vezes não lembramos é que, sobretudo no caso do Brasil, muitas das nossas prisões ou mesmo periferias já são, hoje, verdadeiros campos de concentração...

A bem da verdade, a lógica que deseja legitimar a tortura bebe na fonte do sentimento mais corrosivo do humano - o medo. Sob esse prisma, tudo no mundo redonda perigoso: a comida, a bebida, o colesterol, a vida. O desejo, os laços afetivos, o sexo, o outro. A favela, a polícia, o menor no nosso sinal de trânsito, o latino nos EUA, o palestino em Israel, o diferente, enfim. O medo paralisa, sepulta homens e mulheres no isolamento, impede a queda de barreiras nocivas e conserva nosso mundo caduco, como deixa entrever Drummond. É esse sentimento de ameaça que nos incita à indiferença, à segregação, ao ódio. É ele, em última instância, o combustível invisível dessa lógica cruel: afinal, separados que estamos uns dos outros, rasgados os laços de pertencimento ou solidariedade, condenamos a nós mesmos à eterna competição. Ou à eterna solidão...